

negociar em novembro a dívida de 85

JORNAL DO BRASIL

Brasil só vai

O Brasil só negociará o financiamento da dívida externa, que vence em 1985 em novembro deste ano, porque está com caixa e o Governo brasileiro não se sente com pressa alguma de sentar novamente à mesa de negociações com seus credores, afirmou ontem o diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano.

Segundo Serrano, o país, no momento, "está mais forte, com reservas internacionais crescentes — acima de US\$ 3 bilhões de dólares, devido aos elevados superávits de balança comercial — e, além disso, dispõe de ouro (60 toneladas por ano, por enquanto). Por isso, o Governo está adotando a posição de observador quanto ao desenvolvimento das negociações dos credores com os demais países devedores, sobretudo a Argentina, para estabelecer um plano para novembro.

— Nós, em novembro, vamos procurar obter a taxa de juros mais baixa possível, até mesmo estável, ou seja, fixa, em um determinado patamar, a ser negociado ainda, e procuraremos assegurar a abertura do mercado internacional às nossas exportações. Mas ainda não estabelecemos nenhum plano, porque vamos esperar, até lá, pelo desenvolvimento dos acontecimentos no sistema financeiro internacional, seja na área de negociações de dívidas dos países latino-americanos seja no que diz respeito ao comércio mundial — informou ele.

A capitalização dos juros

Para o Diretor da Área Externa do Banco Central, as declarações do Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Diego Asencio, na última terça-feira, quanto à nova postura do Tesouro norte-americano em relação ao reescalonamento das dívidas dos países latino-americanos foram muito positivas para o Brasil.

Serrano não considera, no entanto, que a aceitação pelo Tesouro norte-americano da proposta de capitalização de juros seja vital para o

País, na renegociação da dívida externa. Na sua opinião, é praticamente uma mesma solução obter juros capitalizados automaticamente, de forma parcial ou total, ou conseguir um novo empréstimo de longo prazo — um **jumbo** para arcar com o serviço da dívida. A única diferença, comentou, é a de que a capitalização automática dos juros é um processo menos doloroso do que a negociação de um novo jumbo.

— Bem mais importante — frisou — é obter juros mais baixos do que os de mercado, até mesmo fixos, fazendo com que o país tenha condições de arcar com o serviço da dívida externa.

A questão do ouro

O Diretor do Banco Central disse ainda considerar um verdadeiro marco para o país o fato de a Casa de Moeda do Brasil ter conseguido obter, terça-feira, em Londres, junto aos cinco principais bancos de investimentos do mercado de **commodities** dessa praça o registro para o ouro brasileiro. Dessa forma, o ouro refinado na Casa da Moeda ganhará o selo do mercado londrino — **good for deliverancy** (bom para entrega) e será vendido a uma cotação superior a que estava sendo negociado, anteriormente.

Além disso, trata-se de uma grande economia para o País, já que o ouro brasileiro não terá que ser refundido em Londres ou quaisquer outras praças para ser negociado em mercados de **commodities**.

Quanto à questão do refino, Madeira Serrano disse também que a Casa da Moeda vai melhorar sua tecnologia para refinar mais metal, fazendo com que o País tenha condições, em 85, de produzir 80 toneladas de ouro por ano. Assim o Brasil se tornará o terceiro produtor mundial de ouro, já que o Canadá, que atualmente ocupa esse lugar no **ranking** dos produtores, produz anualmente 60 toneladas. Os demais países produtores — o primeiro e o segundo — são a África do Sul e a Rússia.